NOVOS DESAFIOS DE PESQUISA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Desde as suas origens, a investigação da educação surge no seio das comunidades e da cultura ligada às suas normas e valores, virtudes e comportamentos éticos, da poli e da poesia, dos ideais humanos e do destino dos deuses. Jaeger (2004, p.18) indica que é o resultado da "consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana, seja ela a família, uma classe social ou uma profissão, aquela de um mais amplo como uma linhagem ou um Estado".

Em sua evolução, a educação assume uma perspectiva prático-utilitária; ou seja: o de ensinar a conhecer, através do processamento de um fluxo crescente de informações e o de ensinar a fazer, para influenciar o próprio ambiente. No entanto, estes são apenas dois dos seus pilares que, face ao aumento considerável dos dados que circulam, do seu armazenamento e utilização, é provável que em breve seja tomado por dispositivos de inteligência artificial. Em todo caso, é preciso lembrar que nenhuma tecnologia é infalível, como comprovam o *Titanic* (paradoxalmente chamado de inafundável), o *Challenger* (ônibus espacial que se desintegrou quando iniciou sua missão de levar o homem ao espaço), a explosão de *Chernobyl* (que é considerado o pior acidente nuclear da história), o colapso da barragem de Banqiao (que gerou uma inundaçãõ considerada a terceira mais mortal da humanidade) e o desastre de Bhopal (que causou o número oficial de mortos de 2.259 mortes imediatas); para citar alguns dos desastres mais emblemáticos. Esses são, em parte, os riscos da sociedade científico-técnica que, por sua vez, são impulsionados pelo capitalismo acadêmico, com a incessante industrialização, mercantilização e burocratização do conhecimento (Brunner *et al.*, 2018).

Assim, qualquer investigação sobre a educação numa perspectiva histórica conduz necessariamente a uma reavaliação dos seus pilares não utilitários que, à época, a UNESCO chamava de "aprender a viver juntos" e "aprender a ser". Esses aspectos são centrais na tradição da Paideia grega e nas diversas pedagogias inspiradas na *Bildung* (teoria do autocultivo) alemã, que aspira a refletir na própria vida os mais elevados ideais de humanidade.

As sociedades contemporâneas mostram que educar para a convivência é uma tarefa de enorme complexidade, em meio à individualização das comunidades, desigualdades de classe e riqueza, chegada de imigrantes, reivindicações étnicas, rupturas geracionais e de gênero, novos sectarismos identitários e a cultura do cancelamento e *funas* (conceito usado hoje em algumas

partes da América Latina para se referir a manifestações públicas de repúdio a pessoas e grupos cujo ethos é rejeitado).

Neste contexto, pode-se dizer que é mais fácil "viver contra os outros" do que "aprender a conviver com eles", enfraquecendo os laços sociais e provocando uma perda de confiança na diversidade. O mesmo vale para "aprender a ser"; Uma vez levantadas as âncoras (que ligavam os mundos da vida pessoal a tradições e crenças sólidas, a estruturas de autoridade e regras éticas, a processos de socialização em valores compartilhados), torna-se mais difícil adquirir uma vida interior e uma direção autônoma sobre os próprios própria pessoa. O mandato de conhecer a si mesmo, símbolo de uma educação orientada para o autocultivo, desaparece assim do horizonte cultural das sociedades, dando lugar à inautenticidade, à alienação, à fabricação de personalidades dirigidas de fora e à volatilização dos compromissos com a razão e os ideais de humanidade.

Portanto, não são apenas as considerações prático-utilitárias que bastarão para conduzir as sociedades rumo ao amanhã, nem é a pura racionalidade científico-técnica, cuja aplicação assume no capitalismo um caráter destruidor-criativo de tudo o que antes era tido como sólido e duradouro. O progresso exige hoje, mais do que nunca, examinar as tradições, costumes e ideais de educação; renovar seus pilares fundamentais e projetá-la para o tempo futuro. Aqui reside uma tarefa essencial dos docentes e investigadores académicos que, a partir de diferentes abordagens e perspectivas (multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade), estudam e ensinam a conhecer-se a si, aos outros e às sociedades na sua complexidade cada vez maior. São eles que devem viajar e cruzar as fronteiras das disciplinas e perseverar na comunicação do conhecimento que serve aos interesses comuns da humanidade e de seu futuro.

JOSÉ JOAQUÍN BRUNNER
Universidad Diego Portales, Chile

FRANCISCO GANGA-CONTRERAS
Universidad de Tarapacá, Chile

Brunner J, Ganga-Contreras F, Rodríguez-Ponce E (2018) Gobernanza del capitalismo académico: aproximaciones desde Chile". *Revista Venezolana de Gerencia* 23: 11-35.

Jaeger W (2004) *Paideia: Los ideales de la cultura griega*. FCE, Madrid, España. 1151 pp.